

# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 646

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

## O ARCO ÍRIS

por MILAU



OM a carita mesmo encostada á vidraça, a Rosinha olhava ansiosamente para a rua. Como chovia! E ela tinha tanta vontade de ir lá para fóra, correr, correr... saltar!

Que chuva aborrecida!...

Aborrecida, não! O pai dissera que a chuva, além de lavar as ruas e as valetas, é, sobretudo, muito necessária aos campos; e explicára que, quando as raízes das plantas chupam a água benfazeja, esta lhes leva consigo pequenas partículas

absorvidas da terra, que alimentam a planta. Por isso, não devemos querer mal á chuva.

Enquanto isto pensava, a Rosinha não olhara mais lá para fóra; portanto, ficou admirada ao vêr que a chuva passára.

— «Mãi! — gritou com entusiasmo — já passou a chuva. Posso ir para o jardim?»

Obtida a licença, partiu tóda contente.

Que lindo estava o jardim depois daquela chuvada! As plantas mais viçosas, e os diversos tons de verde, das suas folhagens, pareciam mais lindos! No ar sentia-se o perfume acre da terra molhada e a Rosinha aspirava-o com delícia.

Subitamente, olhou para o céu e ficou encantada.

— «Mäizinha, venha ver que bonito! E' o arco-da-velha.»

A mãi abriu a janela e olhou também.

— «E' verdade. Um lindo arco-iris!» —

Rosinha, apoiando as mãozinhas no peitoril da janela,



dispôs-se a conversar com a mãi. Estas conversas compunham-se sempre de perguntas feitas pela petiza, curiosa, às quais a mãi respondia com tóda a paciência,

— «Sabe, mäizinha, no outro dia, a Lena e o Joanico diziam assim para o arco-iris:

— «Arco-da-velha,  
vai-te daí;  
meninas lindas  
não são p'ra ti!» —

Preguntei-lhes o que queria dizer aquilo e responderam-me que não sabiam.»

A mãi riu com gósto.

— «Têm graça êsses pequenos! Então, êles falam sem saber o que dizem?!

Pois, minha filha, a origem da tal *cantilena* é que, antigamente, nas aldeias, as mãis, para aquietarem os filhos, metiam-lhes mêdo com o *arco-da-velha*, dizendo-lhes que êle vinha para levar á *velha*, sua dona, os meninos maus que, assim, nunca mais veriam seus pais.»

— «E' curioso! Em todo o caso ainda bem que já não

(Continua na página 3)



# OS PERIGOS DA DESOBEDIÊNCIA

Por MARIA DINIZ MARTINS

Em tempos remotos, bem distantes, habitava numa aldeia mui longínqua, numa casinha próximo de uma ilha, cheia de árvores e regatos, perfumada pelo suave aroma das flores, um casal que tinha uma filhinha que era todo o seu enlêvo.

Chamava-se Fernanda e era deliciosamente linda, com os seus olhos negros, expressivos, donde irradiava uma bondade que prendia quantos dela se aproximavam! Como era muito esperta, queria tudo saber, indagando a razão da existência das coisas e das pessoas. Um dia, fez á sua mãzinha, que a adorava, esta pergunta:

— «Mãi, quem seria a mãi da primeira mãi?»

Veio cortar êste diálogo transcendente, uma cena interessante que se estava desenrolando defronte do jardim, onde a formosa pequenita se encontrava com a sua mãi. Alguns macaquinhos, aos saltos e correrias, guinchavam, fazendo momices, trepavam ás árvores em graciosas piruetas, indo depois saciar a sêde num cristalino e murmurante regato, onde se miravam e remiravam. Era curioso observar os cuidados dos «papás símios», os extremos e carícias com que acolhiam os filhitos, depois das loucas correrias.

Fernanda, encantada, ria a banadeiras despregadas. Aproveitando um momento de distração da sua mãzinha, (e também porque era um nadinha desobediente) aproximou-se, cheia de curiosidade, de tôda a macacaria.

Lestamente, todos os símios o rodearam guinchando, guinchando, aos saltos e piruetas. Um dêles, o maior que parecia ser o chefe e comandar o bando, agarra, com presteza, a pequena (que esbraceja e chama pela mãi) e foge rapidamente com ela, seguido de todos os outros. A pobre mãi, alucinada, grita por socorro e vai, como louca, em sua perseguição.

Não vai muito longe, porém, quando as forças a traíem e cai, inaminada. Quando, mais tarde, acordou (já no seu quarto, para onde fôra transportada) daquêlê horrível pesadelo, olha, desvairada, exclamando:

— «A minha filha!... Tragam a minha filha!...» Estava perigosamente enferma e só a volta da filha querida poderia dar alento á atribulada



mãi! Condoídos, alguns vizinhos, armados de espingardas e foices, acompanharam o pai da pequenita, até ás proximidades da ilha. Era aí, com certeza, que o bando estava com a sua prêsa. E era realmente assim; mas o quadro,



que então presenciaram, não pôde deixar de os comover. Comodamente instalada, tanto quanto o podia ser em lugares daquêles, a pequenita jazia adormecida sôbre uma caminha de fôlhas secas; junto da cabeceira, tinha

algumas bananas e outros frutos, mesmo ao alcance da sua mãosita.

Imagine-se, pois, a alegria do pobre pai e dos que o acompanhavam! Avançando, quási de rastros, em direcção á filhinha e prestes a rehavê-la, o pai tremia de comoção. Contudo, não queria fazer guerra aos símios; não queria ser ingrato para aquêles irracionais que, a-pesar-de lhe arrebataram a filhinha, a rodeavam do maior carinho e dedicação. Nisto, a pequena desperta, senta-se na improvisada cama esfrega os olhos e estende os bracitos entre dois bocejos, olhando muito admirada para aquele novo e estranho cenário; assustada, levanta-se e corre ao acaso, indo cair nos braços de seu pai, que a aperta ao peito com amor.

Quando os macaquinhos mais novos, deram o alarme, o macaco chefe guinchava, arrelpava-se, puxando as orelhas e, em gestos frenéticos, numa expressiva mimica, pedia que lhe restituíssem a pequenita.

Eram decorridas algumas horas, quando o pai, radiante, depôs a filhinha nos braços da sua mãi, que a abraça com delírio esquecendo as dores passadas, para só ver a sua querida filha, através das lágrimas de alegria!... Comovente e lindo quadro aquêlê!...

Qual não foi, porém, o seu espanto, ao ver entrar pela porta, a limpar os olhos, o símio que lhes tinha roubado a filhinha! Reconhecendo, todavia, quanto êle era amigo de sua filha, deram-lhe guarida e ensinaram-no a prestar alguns serviços domésticos, tornando-se aquêlê irracional no guarda fiel e companheiro de brinquedos da graciososa pequenita. Mas a-pesar-da pequena heroína desta história, não ter a lamentar as funestas conseqüências da sua desobediência e irreflexão, não deveis nunca, pequeninos, afastar-vos, sem prévia licença de vossos pais. Ninguém, como êles, melhor vos poderá guiar na Vida!



# O MENINO JESUS OLEIRO

POR FELIZ VENTURA

**J**ESUS, um dia,  
não tendo com que brincar,  
pôs-se a pensar  
qual a forma como havia  
de bem o tempo passar.

Francamente,  
nada via.

Sua Mãe Virgem Maria  
já viera perguntar  
o motivo

do Menino  
assim estar  
meditativo,  
pois Ela sempre que o via  
sentado, sem qu'rer brincar,  
ficava inquieta, supunha  
doente o seu filho estar.

E o Menino em vista disso,  
respondeu com um sorriso:  
— «Não, Mãezinha, estou cansado  
de tanto já ter brincado.»

O seu olhar, distraído,  
vagueava em derredor.

E para o tempo entreter,  
pôs-se o Menino a mexer  
nas águas dum ribeirinho  
que muito perto passava.

Cantava  
a água, contente,  
uma canção, docemente.

Mas vendo, ali, tão pertinho,  
barro mole, avermelhado,  
pôs-se, com todo o carinho,  
a modelar com cuidado...

E as suas mãos, tão formosas,  
davam fôrmas caprichosas  
àquela argila molhada.

Depois, com muito jeitinho,  
pôs a obra que fizera  
de lado, ao sol, a secar.  
E no claro ribeirinho  
foi as alvas mãos lavar.



Passados curtos momentos,  
os pedacinhos de barro,  
por suas mãos modelados,  
foi no ribeiro lançar.

Deu-se, então, grande milagre,  
um milagre de pasmar:  
Ao mergulharem na água,  
os pedacinhos de argila,  
começaram a nadar.

Sua côr avermelhada,  
ficou mais acentuada.

E, assim, nasceram peixinhos  
que as águas dos ribeirinhos,  
lagos, rios ou lagôas  
não mais deixaram de ter.

Ficou Jesus satisfeito  
por um tal ente formar...

Pois sendo, assim, bom oleiro  
já tinha com que brincar.



## O ARCO ÍRIS (Continuação da página 1)

se mete medo às crianças. E diga-me uma coisa, mãezinha: Porque aparece, no céu, esta linda fita de côres?»

— «Já reparaste, Rosinha, que a *linda fita*, como tu lhe chamas, só aparece depois da chuva? E' porque, muitas vezes, algumas gotazinhas da chuva ficam presas na atmosfera; e se, por acaso, essas gotas ficam entre o sol e uma nuvem que se desfaz, (as nuvens são formadas de vapor d'água) o reflexo do sol produz essas lindas côres que vemos com o feitiço de um arco, exactamente por causa do sol que é redondo. Percebes?»

— «Sim, mãezinha. E repare, agora, como o arco-íris ainda está mais bonito!»

Palavra que não tenho vontade de repetir as palavras que ouvi á Lena e ao Joanico. Não, minha mãe! Eu estou quási tentada a dizer-lhe:

Lindo arco-íris,  
fica aí, sim?

Pois se ele é tão lindo, tão lindo!...

## CONCURSOS QUINZENAIS

### de POESIAS e CONTOS INFANTIS

Além dos contos e poesias classificados nos nossos *Concursos quinzenais*, relativos à 6.<sup>a</sup> quinzena, já mencionados no nosso número passado, temos a acrescentar o conto: — *Os perigos da desobediência*, de Maria Diniz Martins, o conto: — *As aventuras de um burro*, de «Amiga do Pim-Pam-Pum» e as poesias: — *Flores e frutos*, da mesma autora. A única resposta, de Jorval, e *Aventuras do Chico Pinguinhas*, de José d'Oliveira, que obtiveram, também, menções honrosas.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

«LE, MINHA MENINA...»

E GRANDES SURPRÊSAS

# AVENTURAS do CHICO PINGUINHAS

Por JOSÉ D'OLIVEIRA



Eis, leitores pequeninos  
Do querido «Pim-Pam-Pum»,  
Um herói... Sim, é só um  
Mas daqueles dos mais finos!  
É ele o Chico Pinguinhas,  
O aventureiro profundo  
Tão falado, em todo o mundo,  
Por suas belas piadas  
E por suas aventuras,  
Que dão tanto que falar  
E farão artipiari  
Mesmo as gerações futuras!



Lêde, lêde, muito atentos,  
Seus inéditos portentos.

Ésse tal Chico Pinguinhas  
Tinha apenas oito anos  
Quando, com os seus três manos,  
Foi, p'lo Natal, roubar pinhas.  
Cada qual lá vai subindo  
Para um esguio pinheiro;



Mas o Chico, preguiçoso,  
Achou o trabalho infundo.

Foi então que resolveu  
(Vêde o grande marotão!...)  
Atirar o seu arpéu  
Lá de cima para o chão!  
E enquanto os manos andavam  
Todos muito atarefados,  
O Pinguinhas, sem cuidados,  
Ia descendo o pinheiro.  
Os manos nem reparavam;



Mas, quando a descer o viram,  
Em protestos explodiram  
Por ter descido primeiro.

— «O meu pau foi que caiu...  
(Diz triste o Chico Pinguinhas)  
Então, nenhum de vós viu?  
Vou pôr as pinhas juntinhas!...»

Os irmãos desconfiaram;  
Todavia, prosseguiram...  
Mas, daí a pouco, ouviram  
Uns berros que os alarmaram:  
— O dono do pinheiral  
Acabava de surgir...»



...O Chico põe-se a fugir  
aos saltos p'lo matagal!...

De outra vez o nosso Chico  
Quiz-se montar no burrico  
Que era do Luís moleiro.  
Tanto instou, tanto pediu,  
Que o moleiro sempre o ouviu  
E o deixou ser cavaleiro...  
Mas, mal saltou p'rá lombada,  
Largou logo à desfilada!...

Chico, trémulo de medo,  
Só pensava que um penedo



O iria estmigalhar.  
Mas o burrico, a correr,  
Lá se lembrou de ir comer  
E foi a um prado parar!...

A-pesar-de ser maroto,  
Era o Chico muito fino.  
Ora, uma vez, o Avelino  
— Um rapaz mui pobre e roto —  
Para a escola não quiz ir;  
E, todo contente, a rir,  
Foi pelos campos aos ninhos

**ENCONTRAI RIMAS  
E FIXAI CONCEITOS**

Por JOSINO AMADO



**TIPOS RIBATEJANOS**



Ribatejo, Ribatejo!...  
Lezírias... campinas... toiros!...  
Terra bendita, onde o Tejo,  
regando-a, colhe tesoiros.

Tipos galhardos, pimpões,  
robustos, desempenados!...  
Barretes verdes, calções...  
E coletes encarnados.

De dia, na brava lida;  
e, à noite, todos no baile.  
Eles de vara comprida...  
Elas de lenço e de chaile.



Tendes no peito desejos  
Cheios de fome, a gritar?...  
— Dai-lhe canções, dai-lhe  
harp...  
Para o sangue se acal...!

Mocidade, canta, canta,  
Que o cantar é viração  
Que as névoas negras esp...  
dos jardins do cor....!

Já no tempo da cereja,  
Eis que o Pinguinhas deseja  
Saltar para a cerejeira



Para lhes tirar os ovos  
E também os filhos novos...  
Coitados dos passarinhos!...

Mas Pinguinhas percebeu  
A intenção do companheiro;  
E, mui lento, mui lampreiro,  
Foi-se esconder no lameiro.  
Nisto, o Avelino desceu  
Para as ramagens, a olhar,  
Sem portanto reparar  
No que Chico estava a armar...

E ao passar pelo lameiro,  
Quando mal se precitava,  
Uma laçada o apanhava  
E o deitava num ribeiro!...  
Todo molhado, a pingar,  
Foi p'ra casa a resmungar...  
Dizendo consigo, então:  
— «Se eu à aula tivesse ido,  
Não me tinha acontecido  
Dar tamanho trambolhão!...»



Como tudo para o Chico  
Está bem, o demonico  
Foi fazer a maroteira...

(Continua na página 6)

# O MÊDO E O REMORSO

Por MANUEL DA SILVA BRANCO

Certo larápio foi, uma noite, roubar melões, e, de madrugada, quando fugia com o roubo, convencido de que



ninguém o tinha visto, ouviu um canto que dizia:—«Espreitei-te, espreitei-te...»

Vendo-se, assim, perseguido, largou os melões e fugiu aflito e desalentado, dizendo mal da sua sorte.

Vai senão quando, ouviu de todos os lados aquele canto perseguidor —«Espreitei-te, espreitei-te...»

Supondo serem muitas pessoas em sua perseguição, deitou-se a um rio mesmo vestido, a cuja beira se conservou, amedrontado, até á noite, escondido debaixo dum salgueiro.

Quando, afinal de contas, os perseguidores supostos, eram apenas uns pequenos pássaros que existem em certos pontos do nosso país, matizados de cinzento, azul, preto e branco, que assim cantam, e que são muito madrugadores, e a que os camponeses chamam os *espreitadores*.

Ora, era natural que o larápio conhecesse aqueles pássaros, visto ser também camponês, porém o remorso da sua má acção turvou-lhe de tal maneira a cabeça que êle não distinguia a voz humana do canto daqueles



pássaros, aliás bem imitada, sofrendo assim o castigo da sua má acção, que, decerto, teve a influência de Deus, que tudo vê e tudo ouve.

Meninos, não pratiquem nunca más acções, para lhes não suceder o mesmo que sucedeu ao triste «herói» d'êste pequeno conto.

## AVENTURAS do CHICO PINGUINHAS

(Conclusão da página 5)

Porém, quando a descer vinha,  
Com a barriga cheinha,  
Então é que foram elas...  
Pois que deu com as costelas,  
Com tôda a força, no chão!  
Mas dizia lá consigo:  
— «Não houve nenhum perigo  
Porque sou um valentão!...»

Entanto, a grande aventura  
Que o nosso Pinguinhas fez,  
Foi... — sabeis? — daquela vez  
Em que êle vendo, n'altura,  
Um avião a roncar,  
Resolveu, naquele instante,  
(Vêde que tolo desplante!)  
Um avião fabricar!...

E toca a pedir madeira  
Ao tio que é carpinteiro...  
E nessa tal brincadeira,  
Gastou Chico um mês inteiro!

Um primo de Santarém,  
Deu-lhe o esquema do avião,  
(Mas daqueles dos de mão!)  
E Chico à risca o seguiu...  
A' risca? Não digo bem,  
Porque o fez muito maior,  
E inda, para ser melhor,  
Volante e travões lhe uniu!

Para balanço ganhar,  
(Pois que não tinha motor...)  
O avião foi colocar  
No paredão dum pendor!...

O Chico, já na carlinga,  
Por uma corda, que atou  
A um poste, êle puxou!...  
...De sangue não tinha pinga,  
E, portanto, desmaiou...  
Pois seu avião amado,  
Lá no meio dum silvado,  
Com o dono afocinou!!!..?

Vêde, agora, finalmente,  
Chico, um menino decente!..?

Porque, já aborrecido  
De tanta vadiação,  
Não mais quiz ser brincalhão  
Como até 'li tinha sido;  
Pois, sabendo que os estudos  
O fariam grande homem,  
(Meninos, o exemplo tomem,  
Mesmo que sejam miúdos.)  
Foi para a escola estudar,  
E tanto a sério estudou  
Que muitas honras ganhou  
E grande homem veio a dar!..?

## A DIVINHA



Meus meninos: Vejam se descobrem onde se encontra a dona desta jarra de flores.

## PENSAMENTOS

Falar e calar-se, a propósito, são duas cousas difíceis, mas úteis — *Stácio*

A verdadeira vocação vê, ao mesmo tempo, o caminho a seguir e o seu termo. — *C. Diane.*

# Curiosidades



Um jornal americano afirma que um gato preto tendo sido fechado por descuido num aparelho frigorífico, saiu d'êste vivo, mas com a pele completamente branca.



O escritor alemão Kari May tornou-se célebre pelas suas narrativas sensacionais de viagens na Ásia e América. Pois veio a saber-se que o festejado autor nunca puzera os pés fóra da casa, onde escrevia todos os seus livros!!!

## A DIVINHA



Já repararam os nossos amiguinhos que no cimo da Igrejinha falta o característico galo de ferro? Foram uns meliantes que o tiraram e o esconderam. Vejam se são capazes de dar com êle.

O mais j6vem domador do mundo é um francês, o pequeno Dod6s Fauni, filho de um director de circo ambulante, com a idade de 7 anos, s6mente. Trabalha com serpentes e sabe servir-se do chicote para fazer manobrar os cavalos, como qualquer veterano.



## UM BRINQUEDO AMERICANO

Os americanos, que andam sempre à procura de coisas novas, inventaram, agora, um novo brinquedo. Trata-se duma pistola, exteriormente igual em tudo às que estamos habituados a ver. Porém, no interior desta é que está a novidade, pois contém uma lanterna, uma lente, duas pilhas e uma película cinematográfica e projecta, em lugar de balas, cenas de filmes.



## ANIMAIS PRE-HISTÓRICOS - ANTI-DILUVIANOS

# O STEGOSA'URIO

Amiguinhos!

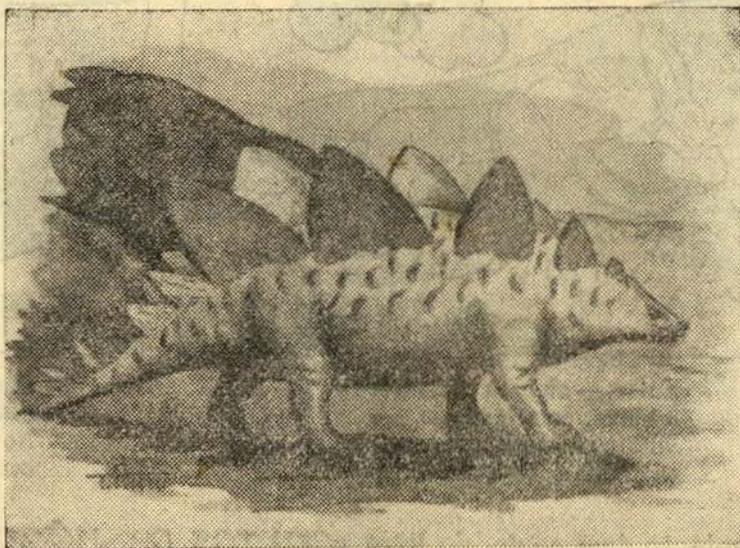
Faço-vos, hoje, a apresentação de um outro «bichinho» pre-histórico, o qual, apesar do seu volume ser muito mais reduzido que o do Brachiosaurio, uns sete ou oito metros de comprimento apenas, (não deixando, todavia, de ser um bom tamanho), não fica atrás do mesmo em fealdade e deselegância, não é verdade?

Tinham êstes monstros um formidável aparelho de defesa, que os protegia contra os ataques dos seus colegas anti-diluvianos e que consistia de uma dupla fileira de placas óseas, colocadas no lombo, dando-lhe o aspecto dum... paliteiro (Bem comparado, não está? Ora façam o favor de não se rirem.)

Tinham os membros anteriores mais curtos que os posteriores e devem ter sido duma grande ferocidade.

Nas èles estranhos e tão recuados tempos, em que a terra se revolia em violentas convulsões, no meio dum calor abrasador, as lutas entre êstes monstros deviam ter qualquer coisa de fantástico.

Mas ainda bem que tudo isto já lá vai, não é assim?



# ESPÍRITO DE CONTRADIÇÃO



1  
Pensativo e cuidadoso,  
vai seguindo o seu caminho,  
o senhor Zé do Moínho  
montando o burro «Teimoso».



2  
Leva o burrinho a bom trote;  
táu-táu-táu... Mas, de repente,  
vendo um rio em sua frente,  
resolve passá-lo em bote.



3  
O nosso Zé chama, então,  
o barqueiro e seu barquinho,  
salta p'rá embarcação  
e puxa pelo burrinho.

Puxou, puxou... Já suava  
o pobre Zé do Moínho;  
mas o teimoso burrinho  
cada vez mais recuava.

Porém, o Zé — «Oh diabo!  
Tenho uma idéa!» — exclamou.  
E para terra saltou;  
Puxa o burro pelo rabo...



Então, — oh caso espantoso! —  
o burro, com teimosia,  
salta p'ró barco, raivoso,  
enquanto o barqueiro ria...



5  
Que ridículo, — não é? —  
êste caso; e bem curioso!  
No mundo há muito teimoso  
como o burrinho do Zé.

MILAU

Adaptação dum conto, do livro «CONTOS DA AVÒZINHA», de TRAVASSOS LOPES